2017:
o anúncio do golpe e a reorganização da direita no Brasil

Em 2017, dois movimentos estavam diretamente relacionados: o anúncio do golpe de estado pela via militar e a consequente ofensiva da direita, que tem as suas gradações, mas que de uma forma geral forjara sua unidade e estratégias possíveis contra o que eles consideram o perigo vermelho. A possibilidade de mais um golpe com intervenção direta dos militares coloca um novo panorama na conjuntura política. Três anos depois entenderíamos que é quase que em sua totalidade formado por militares. Este anúncio, engendrado num discurso altamente moral, virulento e preconceituoso do General Mourão em setembro de 2017, soa como alerta e necessidade de mobilização imediata dos diferentes setores da classe trabalhadora.

É preciso reiterar aqui que trata-se de nova etapa dos golpes perpetrados pela classe dominante, principalmente latifundiários, banqueiros, grandes empresários, (mas também setores ultra conservadores como os evangélicos), enfim, donos do grande capital e dos meios de produção, que se intensificou desde as manifestações de 2013, culminando no impeachment contra Dilma Roussef, desdobrando-se em diferentes crises no interior do estado burguês. Os golpes, em última instância, têm funcionado como arranjos necessários para a boa condução da economia capitalista e da consequente conservação dos poderes estabelecidos; ora se dão dentro dos limites institucionais e por vezes extrapolam pela via direta militar. Isso quer dizer que tudo é decidido a partir de acordos entre as elites financeiras e as forças militares, que possuem exércitos capazes de garantir as exigências dos capitalistas.

Declarações do general Mourão enfatizaram entre outros a necessidade de se retirar da vida pública os envolvidos em casos de corrupção – reparem que em nenhum momento ele fala em prender os corruptos. Sem nenhum tom de ironia, pois não cabe aqui ironizar a situação, essa afirmativa não é somente demagógica, mas propositiva já que, sobretudo os militares e boa parte da população não acreditam de fato numa regeneração das principais instâncias de poder que regem o país; e como, apesar da ditadura civil-militar de 64, o exército é visto com inabalável virtude de justiça e defesa patriótica, cabe a eles a função de limpar a sociedade dos perigos iminentes que na maioria das vezes são fantasmas que eles mesmos criam (como o medo do comunismo), para dissimular suas reais intenções políticas de poder e dominação. Mais uma vez cabe

aos militares o dever da salvação contra um inimigo interno, mas que na prática serve para garantir o bom funcionamento das redes de mercado reprimindo diretamente qualquer tentativa de oposição.

É necessário aqui perceber que essa limpeza diz respeito sem sombra de dúvidas ao conjunto das esquerdas. Ora, já tivemos demonstrações disso em julho de 2016 quando a polícia militar invadiu a sede do PCB no Rio de Janeiro justamente no dia que ocorria atividade sobre a desmilitarização. Em 2011 a polícia invadiu o DA de Ciências Sociais da UFF buscando supostos coquetéis molotovs. Diversas lideranças camponesas da Liga dos Camponeses Pobres foram brutalmente assassinados pela repressão com o apoio direto de capangas dos latifundiários. Enfim, podemos buscar diversos exemplos. Pelo menos no que diz respeito à repressão, dado o golpe veremos o passado se repetir quase tal e qual. Apesar da repressão ser intensificada com um golpe militar e ter uma natureza muito mais cirúrgica no que diz respeito à sua intervenção, o que vem sendo posto em prática é a quebra dos movimentos via perseguição direta contra trabalhadores organizados ou não.

É claro que essa descrença na política se justifica e é explicada de formas distintas dependendo do segmento em questão, mas ela é capitalizada como mote para justificar o possível golpe e independente de acontecer ou não deve servir como elemento de mobilização popular evidentemente contrário ao posicionamento dos generais do exército brasileiro, sendo esta agora uma pauta principal. Em nenhum dos casos a crença positiva na política institucional é uma qualidade da população, que de uma maneira geral atesta o grau de colapso que chegou as estruturas de poder. Como retirar da vida pública a maioria esmagadora dos políticos, já que dentro de um universo de mais de 500 deputados a maioria tem algum tipo de ligação com esquemas de corrupção? E o que é o exército senão a maior máquina que garante todos os esquemas de corrupção que é a livre circulação das mercadorias ao passo que restringe essa liberdade às pessoas, que se movimentam de acordo com a classe que pertence? Na verdade essa é uma equação impossível de ser resolvida através de reformas ou intervenções de exércitos que capitalizam para si o monopólio do poder. Em último caso os exércitos estão aí para garantir o funcionamento do capitalismo, não há nenhuma ação patriótica nisso.

Isso tudo abre campo para as mais diversas especulações e na maioria dos casos caímos em abismos ainda maiores por muitas vezes crer que uma possível mudança vem de novas representações partidárias ou lideranças liberais. O MBL, por exemplo, investe pesado na criação de figuras que representam liderança e que sequer chegou aos trinta anos e nem por isso deixam de ser competentes naquilo que se propõem a fazer. A comunicação, que rebate e constrói quase que em tempo real opiniões contrárias, funciona como um leme nas saídas encontradas pela elite em convencer a classe trabalhadora de que aquilo que parece pior é necessário e, portanto, inevitável, apostando na livre iniciativa e na diminuição do Estado, contribuindo em última instância para acentuar o colapso social e despolitizar a classe trabalhadora condenando-a a uma vida ainda mais miserável.

2013 é um bom começo para pensar as questões que nos envolvem agora. De tempos pra cá ficou mais nítido os contornos e programas dos segmentos políticos que disputam o poder na sociedade, principalmente entre a famigerada direita e esquerda que no senso comum resume-se a política institucional sendo o PT, PSOL, PCB, etc, por exemplo, vistos como esquerda. Ora, obviamente desde antes de 2013 as movimentações políticas ferviam na cidade do Rio de Janeiro e demais cidades do Brasil. O filme "Revolta do Buzu" de 2003 de Carlos Pronzato, por exemplo, mostra as movimentações estudantis na cidade de Salvador por mais de uma semana, o que mais tarde culminaria na formação do MPL (Movimento Passe Livre). A tarifa foi o mote que aglutinou as massas nas largas avenidas da cidade partida em 2013. Foi a partir de então que houve uma forte reação da direita no sentido de disputar as massas apresentando-se como a encarnação da justiça, ainda que completamente dentro da podridão do estado burguês ou das empresas capitalistas. E dentro disso a comunicação tem sido fator principal, pois vejam os quadros do MBL o que são senão comunicadores profissionais pautados por uma comunicação espetaculosa e grotesca.

A partir do enfraquecimento e esfacelamento dos segmentos populares (por diversas questões, desde fatores internos até a repressão sistemática contra os movimentos sociais), a direita pode reerguer-se voltando todas as pautas contra a classe trabalhadora com um discurso de que representa de fato alternativa factível aos trabalhadores do país. Um elemento parece central e ao mesmo tempo preocupante: a construção do medo na política que inverte e confunde o significado dos conceitos e

valores transformando, por exemplo, a liberdade em liberdade de propriedade hierarquizando as pessoas entre aqueles que consomem ou não, ou sobrevalorizando o indivíduo em detrimento das coletividades sendo que o equilíbrio torna-se possível a partir da livre competição de mercado. Por mais fictício que possa parecer – pois transformam governos social democratas em revolucionários -, o medo do comunismo construído diariamente pela direita de uma maneira geral é a prova cabal da sua impotência pela forma como busca construir o consenso através da imposição generalizada utilizando os monopólios que obviamente estão sob o domínio da classe dominante que segue obedecendo ao seu programa.

A sua impotência também é perceptível pelo seu modo de agir na política completamente apartado de uma ética horizontal tendo uma prática claramente aristocrática neutralizando as pautas populares utilizando meios populistas e demagógicos como é o caso da corrupção. A denúncia contra algo que em nada ameaça a sociedade funciona como mecanismo de controle contra trabalhadores fragilizando-os com o fim de entregar suas forças unicamente ao capital e às lideranças políticas que também tem o papel de imobilizá-los. Dentro desse campo do que chamam agora de nova direita surgiram elementos muito presentes principalmente na vida virtual das pessoas o que vem movimentando ou simplesmente enrijecendo as opiniões nas redes virtuais e na vida real quase que padronizando os discursos de ambos os lados. Essa construção do medo não se dá somente através dos grandes meios de comunicação. É preciso destacar aqui a função de figuras midiáticas-virtuais que conquistaram audiência significativa e que formam a opinião de centenas de pessoas. Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé certamente são um dos principais referenciais da direita e que desse ninho diversas outras serpentes saíram como Kim Kataguiri, Fernando Holliday, Nando Moura, Arthur do Val do canal Mamãefalei, etc.

Esses e muitos outros elementos referenciam-se pelo Instituto Von Mises. Formaram canais no Youtube como Brasil Paralelo que tem cerca de 100 mil inscritos e produz séries que desqualificam o marxismo colocando-o como o mal maior da sociedade, responsabilizando professores de História por doutrinação política como se fossem infiltrados no campo da educação. O caso da Socialista Morena, que em um de seus vídeos coloca os liberais como possíveis aliados, afirma que os liberais tem muito em comum com a esquerda e podem defender as mesmas pautas. Bom, mas certamente

o mais preocupante aqui é a adesão popular ao discurso fascista e que sai diariamente da boca dos quadros políticos-virtuais-midiáticos da ultra direita reacionária e que funciona como suporte aos golpes.

Essas figuras são como plantonistas da opinião. Mostram-se sempre de maneira arrogante e irrefutável desqualificando os seus opositores de maneira esquemática e rasa, com perguntas capciosas como, por exemplo, “Você já leu o projeto tal? Quantas páginas ele tem?”. Aos olhos atentos, é uma comunicação repugnante, pois além de dissimulado em suas práticas de abordagem não abre mão de quaisquer que sejam os recursos para expor o inimigo ao ridículo e por isso buscar a sua fragilização e neutralização sempre na tentativa de capturar as massas. Sabendo dos antagonismos, vão em manifestações de movimentos de esquerda ou setores progressistas e utilizam disso para incitar a reação legítima contra o fascismo transformando os militantes em seres selvagens e bárbaros, intolerantes e autoritários que são diretamente ligados às lideranças seguindo toda uma rede que tem como objetivo desestabilizar os movimentos. Basta ver o preparo de figuras como Arthur do Val no seu controle emocional ao ser surrado em protestos como foi o caso do Santander Cultural passando a imagem de pessoa equilibrada e racional. Não apresentando qualquer reação violenta, transforma-se em vítima direta da intolerância vermelha e por isso ganha mais público que também tem o ódio crescente contra qualquer segmento de esquerda.

Estão ali em último caso para imprimir uma opinião acelerada sobre os fatos na medida em que se busca um reposicionamento político e ideológico na conservação dos privilégios de classe. Essas figuras são na verdade agitadores da direita que vão em diversas manifestações da esquerda para expor ao ridículo as pautas e necessidades dos trabalhadores, gerando conflitos e desestabilizando, ainda que de forma limitada e temporária, as manifestações. Quando dizem defender os interesses dos trabalhadores o fazem explorando o medo do desemprego como forma a ratificar a dominação de classe empresarial. No entanto, ainda que esses elementos neguem, nada disso se faz sem o financiamento direto que nesse caso vem de diversas frações do empresariado. Basta observar o surgimento e atuação do MBL que dentro do seu oportunismo político surge como contraposição ao MPL, não sendo a toa a proximidade com os nomes dos movimentos e que tem por trás diversos empresários.

Arthur Moura (2017)